O Renascer das cinzas

Lisboa vestia-se de negro! Mas o novo vermelho e verde das bandeiras por vezes fazia-se sentir no mar de gente. E este não era o único mar. Também um de lágrimas inundava a cidade!

Choraria o meu povo por mim?! Porquê uma procissão tão longa e gloriosa ?

Saído do Vendysset, os meus cinco fiéis companheiros de corrida carregavam o meu pobre caixão de madeira. Que fiz eu?

Apenas amei incondicionalmente o desporto...

Desde que vim ao mundo, numa casa em ruinas, senti um frémito nas pernas e nos pés, uma vontade insaciável de soltar os músculos...

Com o apoio da família, ganhei um lugar no clube e a minha primeira maratona- 1908 - um ano de alegria, mas também de muita angústia e incerteza...

1912. Uma data cravada para sempre no meu coração. Um calor estranho em Estocolmo. Todos os olhos estavam centrados em mim, a minha missão era não defraudar a minha querida Pátria e os meus companheiros. Ponho a minha loucura ao serviço da amizade e do meu país.

Todos aquecem. Eu era a única exceção ! Untei o meu corpo com um estranho líquido à base de sebo. Não o teria feito se fosse hoje! A ansiedade e a vontade de correr eram tantas que até da boina me esqueci. Erro crasso!

Finalmente o tiro de partida ecoou. Uns instantes depois (ou terá sido uma eternidade?) apenas via os dorsais nas costas dos restantes competidores. Tão depressa que eles corriam! Cada vez mais me atrasava! Uma fraqueza imensa se apoderou de mim...

Nunca desisti, mais importante do que cair é levantar-se a seguir! Mas por muito que tentasse resistir, o meu corpo não aguentava mais. Acabou por sucumbir. A minha face estava voltada para a Mãe Natureza, o meu corpo não reagia às minhas ordens...Seria este o meu fim?

Fiquei sozinho por uns minutos, que se transformaram num infindável sacrifício.

Chegou finalmente a tão esperada equipa de socorro ! Não conseguia identificar ninguém... os meus olhos apenas distinguiam vultos, sombras, luzes. Ouvia vagamente as vozes de aflição dos meus companheiros ao longo da viagem para o hospital. Reconfortante, sem dúvida! Embora estivesse a receber o melhor tratamento possível, rodeado de quem mais me amava, os vultos que via passaram a pontos no infinito, e os pontos rapidamente a uma luz ofuscante!

E agora deparo-me com a minha própria marcha fúnebre. Será que mereço tudo isto? Ainda me lembro das parangonas dos jornais " O seu nome ficará perpetuado através dos tempos. A coragem de um homem meridional, a pertinácia de um atleta e a energia de um português modesto de nascimento e que tão grande era nas determinações da sua vontade, em atos de coragem e amor à sua terra".

Uns poder-me-ão chamar excessivo, até mesmo louco; outros ir-me-ão apoiar na minha luta pelo desporto e pela Pátria.

A todos apenas digo: Chamo-me Francisco Lázaro, carpinteiro de profissão, atleta sem fortuna mas com grande vontade de correr, faleci a 15 de julho de 1912 num surpreendente Inferno de Estocolmo. E choro com o que vejo agora. Bem hajam!

Bernardo Coelho
Colégio Cedros